INSUMOS AGRÍCOLAS

O MERCADO PARA OS DEFENSIVOS E OS FERTILIZANTES

DA REDAÇÃO

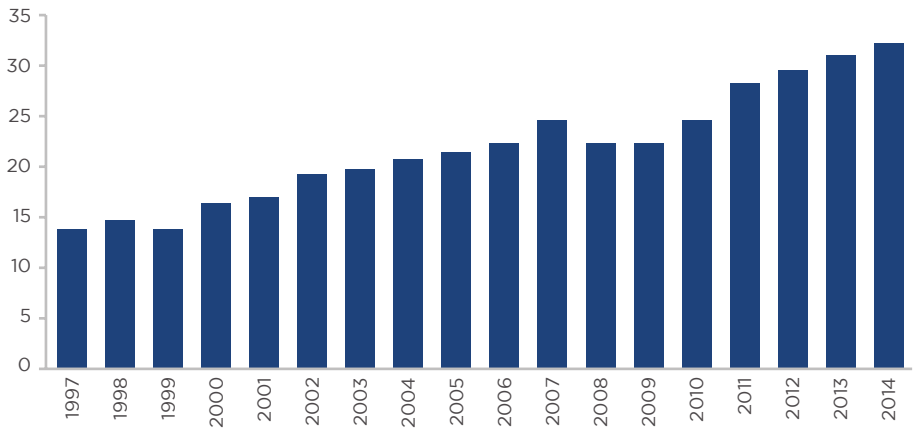
APESAR DA expectativa de crescimento do PIB do agronegócio em 2015, a acomodação dos preços internacionais das *commodities* e o menor crescimento da renda agrícola devem impactar o resultado das vendas de insumos para produção. Outro fator importante é a desvalorização do real em relação à moeda americana. Como a maioria dos defensivos e dos fertilizantes é importada, o dólar mais caro aumenta o custo da produção. Com o custo mais alto e a perspectiva de receita baixa, o produtor deverá investir menos na lavoura.

FERTILIZANTES

O mercado nacional de fertilizantes foi marcado por anos de crescimento. De 1997 a 2014, houve queda nas vendas em apenas dois exercícios: o primeiro em 2005, com a baixa nos preços da soja na Bolsa de Chicago; e o segundo em 2008, como consequência da crise financeira que ganhou dimensões globais. No ano passado, o setor alcançou o quarto recorde seguido nas entregas do insumo.

BRASIL: ENTREGAS DE FERTILIZANTES

MILHÕES DE TONELADAS



Fonte: ANDA

Em torno de 70% do mercado interno são atendidos por importações. Segundo dados da Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim), os intermediários para fertilizantes são os principais itens da pauta de importação de produtos químicos, com compras de mais de 23,4 milhões de toneladas, no valor de US$ 7,7 bilhões, em 2014.

A persistência dos preços baixos do petróleo desde o segundo semestre de 2014 deve manter a redução, em dólares, no custo dos transportes e nos fertilizantes nitrogenados, pois ambos utilizam produtos fabricados a partir de derivados da *commodity*. No entanto, a valorização do dólar em relação ao real deve anular parte desse impacto e forçar o desembolso dos produtores, segundo a análise do diretor executivo da Associação Nacional para Difusão de Adubos (ANDA), David Roquetti Filho. Para Carlos Florence, diretor da Associação dos Misturadores de Adubos do Brasil (Ama-Brasil), apesar da reclamação dos produtores com relação à falta de crédito neste período de pré-plantio, a menor venda do insumo é explicada pela cautela dos produtores frente a uma definição do dólar e dos preços das *commodities* e dos fertilizantes.

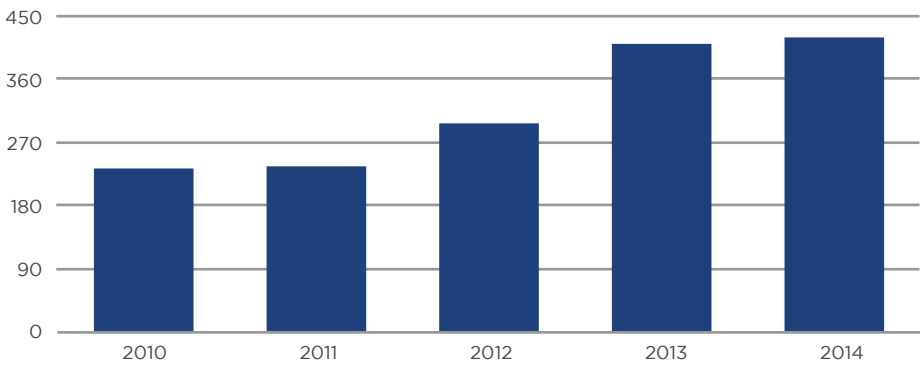
Nesse cenário, as vendas de fertilizantes ao longo de 2015 tendem a seguir o padrão normal de um terço no primeiro semestre e dois terços no segundo semestre. Em outros anos, o mercado já esteve mais aquecido nesta virada do primeiro para o segundo trimestre, com o setor produtivo bem mais animado. Mesmo assim, ainda é cedo para descartar um novo recorde nas entregas até dezembro.



SHUTTERSTOCK

BRASIL: IMPORTAÇÃO DE DEFENSIVOS

MIL TONELADAS



Fonte: SINDIVEG

DEFENSIVOS

Pelas estatísticas do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Vegetal (SINDIVEG), as importações brasileiras de defensivos agrícolas cresceram nos últimos anos, atingindo US$ 7,3 bilhões em 2014. Esse comportamento tem como justificativa a expansão na aquisição de inseticidas, devido, por exemplo, ao recente aparecimento e ao ataque de pragas nas lavouras, como a *Helicoverpa*, na soja, e a falsa-medideira, no algodão. Para não perder produtividade e garantir melhor resultado financeiro, o produtor toma a decisão de adquirir o agroquímico.

Para 2015, além da queda nas cotações das *commodities* e do aumento do custo de produção, outro fator que que deve impactar negativamente as vendas é o tempo mais seco. Nessas condições, há uma redução na incidência de fungos e, consequentemente, uma menor procura por defensivos.

O agroquímico mais vendido continua a ser o herbicida, puxado pela liderança do glifosato, em parte pela alta adoção do sistema de plantio direto na palha, que alcança mais de 35 milhões de hectares no País.

A dependência de produtos importados é elevada. Mesmo com quase 300 ingredientes ativos disponíveis no mercado, somente dez deles são sintetizados no Brasil. Esse quadro inverteu a situação observada há aproximadamente trinta anos, quando mais de três quartos dos produtos comercializados eram produzidos no próprio País. Por questão de custo e entraves burocráticos, a estratégia da indústria mudou, e ela passou a importar defensivos. Além das medidas restritivas e do grande rigor nas fiscalizações, há um longo e demorado processo para se registrar novos agroquímicos. Da quantidade importada em 2014, os produtos técnicos (princípio ativo para a elaboração do produto) corresponderam a 56,2% do total, enquanto os produtos formulados (produto final), a 43,8%.

O risco de aparecimento de novas pragas, principalmente devido à grande extensão nacional do território e ao intercâmbio crescente entre países, precisa ser visto com maior prioridade do ponto de vista da segurança sanitária da agropecuária nacional. Sobre este assunto, recomendamos a leitura do artigo "Defesa agropecuária – Perdas e danos para o agronegócio", na página 30 desta edição. ■